

Guilherme nasceu em Liège (Bélgica), em torno do ano de 1085. Transferiu-se depois para a França, provavelmente para Reims, para prosseguir os estudos. É possível que nesta época tenha permanecido algum tempo em Laon, junto à escola de Santo Anselmo. Ingressou no mosteiro de São Nicásio de Reims (c. 1113), e em 1119 foi eleito abade do mosteiro de Saint Thierry, na mesma diocese. Já desde 1116 cultivou uma estreita e fecunda amizade com São Bernardo de Claraval, e acabou por desejar retirar-se junto a este numa vida de oração e contemplação, desejo ao qual São Bernardo se opôs fortemente. Apenas em 1135 conseguiu realizar o desejo de tornar-se cisterciense, ingressando na abadia de Signy, recém fundada pela abadia de Igny. Em 1144, visitou a cartuxa de Mont-Dieu, e no seu retorno redigiu a célebre *Epistola ad fratres de Monte Dei*, conhecida como Carta de Ouro. Deixou um grande elenco de obras, sendo um dos autores mais prolíficos da escola cisterciense.

(MOREMBERT, H. T. “Guglielmo di Saint-Thierry”, in DIP, 4, 1482-1484).

GUILHERME DE SAINT-THIERRY, *Carta aos Irmãos de Mont-Dieu (Carta de Ouro)*

*Sine tuo numine, nihil est in homine*

“Convém aos outros servir a Deus; a vós convém unir-se a Ele. Convém aos outros crer em Deus, conhecê-lo, amá-lo e reverenciá-lo. A vós convém degustá-lo, compreendê-lo, conhecê-lo, gozá-lo. Magnânimo propósito este, árduo propósito este; mas é bom e onipotente aquele que habita em vós, promissor cheio de ternura, remunerador fiel, auxiliador infatigável. Àqueles que, por grande amor a ele, se comprometem com grandes propósitos e, na fé e na esperança em sua graça, assumem propósitos maiores do que suas forças, Deus lhes concede tanto a vontade quanto o desejo. Aquele que anteviu com a graça da vontade, outorga também a força e o progresso. Que o homem, realizando fielmente aquilo que pode enquanto homem, ao ser caluniado pelo caluniador, venha-lhe o próprio Deus, em sua misericórdia, fazer justiça ao seu pobre e defender a sua causa, porque o homem fez o que podia.”

(GUILHERME DE SAINT-THIERRY, *Carta aos Irmãos de Mont-Dieu*, n. 16, tradução de Pe. Gabriel Augusto Vecchi OCSO, ed. *pro manuscripto*).

*“Aliorum est enim Deo servire; vestrum est adherere. Aliorum est Deum credere, scire, amare et revereri; vestrum est sapere, intelligere, cognoscere, frui. Magnum est hoc, arduum est hoc. Sed omnipotens et bonus est qui in vobis est pius promissor, fidelis redditor, indefessus adiutor; qui magno eius amore magna profitentibus et in fide et in spe gratiae eius maiora viribus suis aggredientibus et voluntatem et desiderium suggerit in id ipsum; et qui gratiam voluntatis prerogavit, subrogavit etiam virtutem ad proventum. Cui, cum fideliter fecerit homo potuerit, calumniante calumniatore, ipse misericorditer pauperi suo iudicium faciet et causam, quia quod habuit homo hoc fecit.”*

(DAVY, M.M. *Un traité de la vie solitaire: Epistola ad fratres de Monte-Dei par Guillaume de Saint-Thierry*, Études de Philosophie Médiévale 29, Vrin, Paris, 1940, p.74).

## Análise

Neste profundo trecho da sua famosa Carta de Ouro, Guilherme apresenta um conceito muito otimista da vocação monástica, contudo, sem se distanciar de um pensamento de extrema humildade com o qual o monge deve sempre receber e viver tal vocação.

É possível individualizar alguns vocábulos mais importantes, a partir dos quais chega-se ao cerne da sua ideia de vocação monástica: já no início, encontra-se os termos *adherere, sapere, intelligere, frui*. Tais vocábulos retornarão várias vezes no decorrer da carta, o que prova a importância destes conceitos para Guilherme. Para ele, seguindo a tradição patrística, e em especial Santo Agostinho, a vocação cristã (e, *a fortiori*, a vocação monástica, como Guilherme evidencia), é a união com Deus mesmo, a total configuração da vida do homem com a vida de Deus. Unir-se a Deus é também experimentar da sua graça, saborear a sua luz. O monge não apenas conhece a Deus e seus preceitos, mas procura cada vez mais conformar-se a eles. Como dirá Guilherme em outra passagem da sua carta, parafraseando São Gregório Magno (*Hom. in Evangelia*, XXVII, 4), quanto mais o monge conhece e compreende a Deus, tanto mais o amará e dele fruirá, pois o próprio amor é conhecimento: *amor ipse intellectus est*. Ouve-se aqui um eco da primeira epístola de São Paulo aos Coríntios: “Aquele que se une a Deus, torna-se um só espírito com ele” (1 Cor 6, 17).

Depois, pode-se destacar alguns vocábulos que exprimem a forma com que o monge deve responder a tal vocação, e o auxílio da graça necessário para se prosseguir no caminho da vida monástica: *fides-fidelitas, voluntatem-desiderium, facere*. A vocação, para ser verdadeira, exige fidelidade, como manifestação do desejo de unir-se a Deus. Todavia, diante das incoerências que necessariamente encontrará em si mesmo, não deve o monge desesperar-se, pois, conhecendo Deus as limitações do homem, virá sempre a sua misericórdia em seu socorro, pois o próprio desejo de Deus já é graça. É clara a referência à parábola do servo inútil (Mc 14, 8), o que mostra a grande humildade com que Guilherme, como verdadeiro monge, reflete sobre o chamado de Deus. É possível observar aqui, ainda, uma reminiscência da última obra de misericórdia do capítulo quarto da Regra de São Bento: “nunca se desesperar da misericórdia de Deus.”

## Comentário

Todo desejo do homem de encontrar-se com Deus se explica não no fato do homem poder estar aberto a Deus, mas essencialmente no fato de que Deus está aberto ao homem, o deseja e o chama. Pode-se dizer que esta é uma regra da Revelação, pois o homem é criado por livre decisão da vontade amorosa de Deus. Ele o quer e o mantém na existência, ainda quando o homem está distante de seu criador em uma situação de pecado.

Assim, a vocação monástica, como intensificação do desejo de Deus, comum a todo homem, é, antes de tudo, pura graça. É em tal sentido que o monge deverá sempre corresponder à sua vocação com imensa gratidão, buscando sempre naquele que lhe chama a força necessária para prosseguir a caminhada pela via régia, tão ingente e tão difícil, diante da miséria humana.

Todavia, mesmo o conhecimento cada vez maior desta sua própria miséria poderá ser para o monge fonte de ilimitada esperança, pois estará sempre certo da misericórdia e do amor eterno daquele que o chamou para o seu reino.